



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

KAMILA SOARES DOS SANTOS

**RELATO AUTOBIOGRÁFICO E O SEU LUGAR COMO RECURSO
HISTORIOGRÁFICO NA HISTÓRIA DA I GUERRA MUNDIAL**

RECIFE
2026

KAMILA SOARES DOS SANTOS

**RELATO AUTOBIOGRÁFICO E O SEU LUGAR COMO RECURSO
HISTORIOGRÁFICO NA HISTÓRIA DA I GUERRA MUNDIAL**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como pré-requisito para finalização da disciplina TCC II e obtenção de grau no Curso de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof. Dr^a. Lúcia Falcão Barbosa

RECIFE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Sistema
Integrado de Bibliotecas da UFRPE Bibliotecário(a): Auxiliadora
Cunha – CRB-4 1134

S237r Santos, Kamila Soares dos.

Relato autobiográfico e o seu lugar com o curso
historiográfico na história da I
Guerra Mundial / Kamila Soares dos Santos. – Recife, 2026.
27f.

Orientador(a): Lúcia Falcão Barbosa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, BR-PE, 2026.

Incluir referências e anexo(s).

1. Primeira Guerra Mundial, 1914-1918. 2.
Autobiografia. 3. Memória. I. Barbosa, Lúcia Falcão,
orient. II. Título

CDD909

TERMO DE APROVAÇÃO

KAMILA SOARES DOS SANTOS

RELATO AUTOBIOGRÁFICO E O SEU LUGAR COMO RECURSO HISTORIOGRÁFICO NA HISTÓRIA DA I GUERRA MUNDIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como pré-requisito da finalização da disciplina TCC II e obtenção de grau no Curso de Licenciatura Plena em História.

Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Falcão Barbosa

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Departamento de História

Prof. Dr. Humberto da Silva Miranda

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Departamento de Educação

Prof^ª. Dr^ª. Nicole Louise Macedo Teles de Pontes

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Campus Serra Talhada

Recife, 11 de fevereiro de 2026

AGRADECIMENTOS

A Bíblia Sagrada afirma, no livro do profeta Isaías: “*Para que todos vejam, saibam e considerem que foi o Senhor que fez isto.*” A Deus dirijo minha mais profunda gratidão, pois foi quem, dia após dia, sustentou meus passos — não apenas ao longo da graduação, mas em toda a minha caminhada de vida.

Agradeço à minha mãe, Risoneide Soares, que, com amor e incontáveis esforços, regou cada um dos meus sonhos. Sem a senhora, nada disso seria possível, minha. Ao meu pai, Julier, deixo igualmente meu agradecimento: sempre firme e atento à minha educação, foi quem acreditou e vislumbrou este momento antes mesmo de eu própria alcançá-lo. A vocês dedico esta conquista.

Aos meus queridos irmãos, Ana Karoline e Samuel Soares, que, a cada trabalho acadêmico, eram “obrigados” a assistir às minhas apresentações ensaiadas em casa. A sinceridade, o apoio e o afeto de vocês são meu alicerce.

Às companheiras da jornada acadêmica, Ana Clara Dias e Suelen Cíntia de Santana, minhas amigas, agradeço por cada ensinamento, parceria e cumplicidade. Encontramo-nos no primeiro período da graduação e, para a vida, nossa amizade se estenderá.

Agradeço ainda pela bênção de caminhar ao lado do meu esposo, Octávio Gabriel de Lima Santana. Você é parte fundamental de cada uma das minhas conquistas, e este trabalho representa apenas o início de tudo o que ainda construiremos juntos.

Por fim, à minha querida orientadora, Prof.^a Dr.^a Lúcia Falcão, registro minha profunda gratidão. A temática desta pesquisa é fruto direto de suas aulas, cuja maestria enquanto historiadora inspira todas nós a pensarmos um futuro profissional não apenas *por* amor à História, mas *com* amor. Obrigada por cada orientação, correção e incentivo.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	05
SUMÁRIO.....	0
6	
RESUMO.....	0
7	
Introdução.....	08
2. Fundamentação teórica.....	11
3. A experiência e memória do historiador Marc Bloch na Grande Guerra.....	14
4. A experiência do trauma da Guerra: Remarque e Brittain.....	17
5. Memória, identidade e sentido: convergências autobiográficas na representação da Primeira Guerra Mundial.....	20
6. Considerações Finais.....	23
7. Referências bibliográficas.....	25
ANEXO. Regras de submissão da Revista CLIO UFPE.....	26

RELATO AUTOBIOGRÁFICO E O SEU LUGAR COMO RECURSO HISTORIOGRÁFICO NA HISTÓRIA DA I GUERRA MUNDIAL

Kamila Soares dos Santos

RESUMO:

Este artigo científico analisa a Primeira Guerra Mundial a partir de relatos autobiográficos, compreendendo-os como fontes privilegiadas para a investigação histórica. O objetivo é problematizar a grande guerra, a partir de narrativas que evidenciam o trauma, a desilusão e a ruptura cultural provocados pelo conflito. A pesquisa dialoga com os testemunhos de Marc Bloch, Erich Maria Remarque e Vera Brittain — historiador, soldado e enfermeira —, que elaboraram narrativas marcadas pela tentativa de atribuir sentido a experiências extremas. Esses testemunhos permitem ampliarmos a compreensão da Primeira Guerra Mundial, integrando dimensões emocionais, culturais e políticas.

Palavras-chave: primeira guerra mundial; autobiografia; memória.

AUTOBIOGRAPHICAL ACCOUNT AND ITS PLACE AS A HISTORIOGRAPHICAL RESOURCE IN THE HISTORY OF THE FIRST WORLD WAR

ABSTRACT:

This scientific article analyzes the First World War through autobiographical accounts, understanding them as privileged sources for historical research. The goal is to problematize the Great War through narratives that highlight the trauma, disillusionment, and cultural rupture caused by the conflict. The research engages with the testimonies of Marc Bloch, Erich Maria Remarque, and Vera Brittain — historian, soldier, and nurse — who created narratives marked by the attempt to make sense of extreme experiences. These testimonies allow us to broaden our understanding of the First World War by integrating emotional, cultural, and political dimensions.

Keywords: the first world war; autobiography; memory.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO Y SU LUGAR COMO RECURSO HISTORIOGRÁFICO EN LA HISTORIA DE LA I GUERRA MUNDIAL

RESUMEN:

Este artículo científico analiza la Primera Guerra Mundial a partir de relatos autobiográficos, comprendiéndolos como fuentes privilegiadas para la investigación histórica. El objetivo es problematizar la gran guerra, a partir de narrativas que evidencian el trauma, la desilusión y la ruptura cultural provocados por el conflicto. La investigación dialoga con los testimonios de Marc Bloch, Erich Maria Remarque y Vera Brittain —historiador, soldado y enfermera—, quienes elaboraron narrativas marcadas por el intento de dar sentido a experiencias extremas. Estos testimonios permiten ampliar nuestra comprensión de la Primera Guerra Mundial, integrando dimensiones emocionales, culturales y políticas.

Palabras clave: primera guerra mundial; autobiografía; memoria.

Biografia da autora com ORCID

Licenciada em História pelo Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, CEP: 52171-900, Recife/PE, e-mail: kamilasoares0190@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9717-3175>

1. INTRODUÇÃO

A Primeira Guerra Mundial (1914–1918) permanece como um dos acontecimentos mais decisivos do século XX, não apenas pelos resultados políticos e geopolíticos que desencadeou, mas pela forma como a experiência humana do conflito redefiniu as sensibilidades, as expectativas e a compreensão que indivíduos e sociedades passaram a ter de si mesmos. Como afirma Eric Hobsbawm, em "A Era dos Extremos" (1995), o período inaugurado em 1914 marcou o início do “breve século XX”, um ciclo histórico caracterizado por rupturas profundas, violências inéditas e transformações aceleradas. Contudo, mais do que marcos cronológicos e macroestruturas políticas, a Grande Guerra gerou impactos subjetivos e emocionais que desafiaram as categorias tradicionais de explicação histórica. O que fica evidenciado no trecho a seguir:

«As luzes estão a apagar-se em toda a Europa», disse Edward Grey, secretário dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, observando as luzes de Whitehall na noite em que a Grã-Bretanha e a Alemanha entraram em guerra. «Não voltaremos a vê-las acender-se em nossa vida.» (...) Para os que cresceram antes de 1914, o contraste foi tão impressionante que muitos — inclusive a geração dos pais deste historiador, ou pelo menos dos seus membros da Europa Central — se recusaram a ver qualquer continuidade com o passado. «Paz» significava «antes de 1914»: depois disso veio algo que já não merecia esse nome. Era compreensível. Em 1914 não havia uma grande guerra há um século, quer dizer, uma guerra que envolvesse todas as grandes potências, ou mesmo a maioria delas, sendo os participantes mais importantes do jogo internacional da época as seis «grandes potências» europeias (Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria-Hungria, Prússia — após 1871 ampliada para Alemanha — e, depois de unificada, a Itália), os EUA e o Japão. Houvera apenas uma curta guerra em que mais de duas das grandes potências haviam combatido, a Guerra da Crimeia (1854-56), entre a Rússia, de um lado, e a Grã-Bretanha e a França do outro. Além disso, a maioria das guerras envolvendo grandes potências fora comparativamente rápida. A maior delas não fora um conflito internacional, mas uma Guerra Civil dentro dos EUA (1861-65). Media-se a extensão da guerra em meses, ou mesmo (como a guerra de 1866 entre a Prússia e a Áustria) semanas.” (Hobsbawm, 1995, p. 32)

Nos últimos anos, o interesse pelas experiências pessoais da Grande Guerra cresceu significativamente, integrando uma tendência mais ampla de valorização das narrativas biográficas no campo historiográfico. Como observa Lúcia Maria Leite Pereira, em seu artigo publicado no 2000 na revista História Oral, algumas reflexões sobre biografias, relatos autobiográficos, memórias e histórias de vida tornaram-se fontes privilegiadas para compreender a dimensão subjetiva dos processos históricos, justamente porque permitem

acessar percepções, afetos e interpretações que raramente aparecem nas narrativas oficiais. Se a historiografia tradicional enfatiza os altos comandos militares, a diplomacia e os grandes movimentos estruturais, a literatura de testemunho nos coloca diante daquilo que Hobsbawm (1995) aponta como o drama moderno: o encontro entre sujeitos comuns e forças históricas descomuns.

Neste sentido, o estudo das autobiografias da Primeira Guerra torna-se indispensável para a compreensão desse período, pois possibilita observar como homens e mulheres vivenciaram a violência, a ruptura de expectativas, o medo, a perda e o colapso de significados que acompanharam o conflito. Modris Eksteins, ao escrever a obra *A Sagração da primavera* (1989), demonstra que a Grande Guerra não apenas destruiu uma ordem política mundial, mas desestabilizou profundamente as estruturas culturais da Belle Époque, inaugurando novos modos de vida e novas formas de perceber a modernidade. Ao analisar as memórias de combatentes e civis, é possível perceber como essa transformação foi sentida no nível cotidiano e íntimo — nas trincheiras, nos hospitais, nas perdas familiares e nas tentativas de reconstrução emocional.

É nesse horizonte que se inscrevem as autobiografias aqui analisadas: *A Estranha Derrota*, de Marc Bloch; *Nada de Novo no Front*, de Erich Maria Remarque; e *Testament of Youth*, de Vera Brittain. Embora produzidas em momentos distintos e por sujeitos com experiências também diversas, todas estas obras compartilham o gesto fundamental de transformar a vivência individual em interpretação histórica. Para Pereira (2000), a autobiografia possui a singularidade de permitir que o próprio sujeito seja autor e intérprete de sua trajetória, construindo uma narrativa em que memória, identidade e contexto se entrelaçam. No caso da Primeira Guerra, esse gesto ganha potência ainda maior, porque o trauma coletivo adquire forma concreta a partir de vozes que buscaram compreender — e dar sentido — a um mundo que parecia ter perdido o próprio sentido.

No âmbito dos estudos literários e das ciências humanas, pesquisas como a de Joyce Rodrigues Silva Gonçalves (2022) reforçam que relatos autobiográficos constituem instrumentos fundamentais para acessar a dimensão humana dos conflitos armados. A autora demonstra que, quando narradores buscam reconstruir a própria experiência, emergem elementos subjetivos — medo, dor, coragem, fragilidade — que revelam camadas profundas da memória e ajudam a compreender as implicações sociais e emocionais das guerras. Assim, ao aproximar autobiografias da análise histórica, torna-se possível observar como memórias individuais se inscrevem em processos coletivos, contribuindo para a construção daquilo que chamamos de memória social da guerra.

Este artigo, portanto, tem como objetivo analisar a Primeira Guerra Mundial por meio de relatos autobiográficos produzidos por autores que testemunharam diretamente ou foram profundamente afetados pelo conflito. Busca-se compreender como suas narrativas revelam, simultaneamente, a violência cotidiana da guerra e a fragilidade da condição humana diante da destruição em larga escala. A escolha por trabalhar exclusivamente com relatos autobiográficos se justifica pela necessidade de recuperar as vozes individuais que, apesar de marginalizadas em algumas leituras tradicionais, constituem hoje uma chave interpretativa central para a compreensão do século XX.

Ao longo do texto, serão analisadas as experiências narradas por Bloch, Remarque e Brittain em diálogo com interpretações de Hobsbawm e Eksteins, que permitem contextualizar histórica e culturalmente as vivências analisadas, e com os aportes teórico metodológicos de Pereira e Gonçalves, fundamentais para situar a autobiografia como ferramenta de investigação. A partir dessa estrutura, pretende-se demonstrar que as memórias da guerra não apenas relatam acontecimentos passados, mas constroem sentidos, identidades e modos de lembrar, contribuindo para a formação de uma consciência crítica sobre o conflito.

Dessa forma, o presente artigo encontra-se organizado em etapas complementares. Inicialmente, apresenta-se o fundamento teórico-metodológico, no qual são discutidos os aportes conceituais sobre memória, experiência e cultura da guerra, que orientam a análise proposta. Em seguida, examina-se a experiência e a memória do historiador Marc Bloch na Grande Guerra, destacando-se a especificidade de seu testemunho como intelectual e combatente. Na sequência, analisa-se a experiência do trauma da guerra a partir dos relatos de Erich Maria Remarque e Vera Brittain, evidenciando as marcas do conflito na subjetividade e na construção narrativa do sofrimento. Posteriormente, o artigo discute as convergências autobiográficas na representação da Primeira Guerra Mundial, articulando memória, identidade e sentido histórico nos relatos analisados. Por fim, apresentam-se as considerações finais, nas quais são retomados os principais argumentos e resultados da pesquisa.

Por fim, cabe explicitar os critérios que orientaram a escolha das três obras analisadas. A seleção de *A Estranha Derrota*, de Marc Bloch; *Nada de Novo no Front*, de Erich Maria Remarque; e *Testament of Youth*, de Vera Brittain, não se deu de forma aleatória, mas pela possibilidade de articular três perspectivas distintas sobre a Primeira Guerra Mundial, provenientes de diferentes lugares sociais, geográficos, intelectuais e de gênero. Bloch, como historiador e combatente francês, oferece uma leitura que articula experiência direta e reflexão intelectual; Remarque, escritor alemão e ex-soldado, constrói uma narrativa marcada pela vivência do front e pela crítica à guerra a partir da condição do soldado comum; já Brittain,

enquanto mulher inglesa e enfermeira voluntária, introduz uma dimensão muitas vezes marginalizada pela historiografia tradicional, ao evidenciar o impacto do conflito sobre as mulheres: seus afetos, perdas e formas específicas de vivenciar a guerra. A presença de Brittain, nesse sentido, é central, pois permite tensionar uma narrativa predominantemente masculina, ampliando a compreensão do conflito para além do campo de batalha.

Além disso, é importante destacar que nem todas as obras analisadas se enquadram estritamente como autobiografias: enquanto Bloch e Brittain produzem relatos diretamente vinculados à sua trajetória, a obra de Remarque é classificada como um romance autobiográfico, isto é, uma narrativa ficcional fortemente baseada em experiências pessoais do autor. Do mesmo modo, a biografia, embora distinta por ser escrita por terceiros, compartilha com a autobiografia o interesse pela trajetória individual como forma de interpretação histórica. Ainda assim, optou-se por manter essas diferentes formas narrativas no corpus de análise, justamente porque todas elas, em maior ou menor grau, mobilizam a experiência vivida como elemento central de construção do sentido histórico, contribuindo para uma compreensão mais plural e complexa da memória da guerra.

2. Fundamentação teórica-metodológica

O estudo de relatos autobiográficos como fontes para a compreensão histórica da Primeira Guerra Mundial exige, antes de tudo, uma reflexão sobre as particularidades das narrativas de vida enquanto formas específicas de registro e interpretação do passado. Trabalhar com autobiografias implica reconhecer que tais textos não apenas descrevem eventos, mas também constroem sentidos, elaboram experiências e organizam memórias. Para Lígia Maria Leite Pereira (2000), a autobiografia é um gênero singular justamente porque nela o narrador assume simultaneamente os papéis de sujeito, testemunha e intérprete de sua própria trajetória. Esse entrelaçamento entre memória e narrativa não representa uma limitação metodológica, mas, ao contrário, uma oportunidade para compreender dimensões subjetivas dos processos históricos.

Pereira (2000) destaca que autobiografias, histórias de vida e biografias se diferenciam pela forma como o narrador se relaciona com o texto e pelo grau de mediação presente na construção da narrativa. Enquanto a biografia depende da interpretação de um terceiro e a história de vida envolve a intervenção de um pesquisador, a autobiografia nasce de um gesto de autorrepresentação em que o indivíduo seleciona, organiza e dá significado à própria

experiência. No contexto da Primeira Guerra Mundial, essa especificidade adquire relevância especial, pois permite acessar o impacto psicológico e emocional do conflito, bem como observar como diferentes sujeitos lidaram com o trauma, o luto, a destruição e a ruptura de expectativas.

Essa perspectiva dialoga com o que Joyce Rodrigues Silva Gonçalves (2022) aponta em suas pesquisas sobre narrativas autobiográficas de mulheres afetadas pela Segunda Guerra Mundial: relatos pessoais não apenas descrevem acontecimentos, mas revelam percepções, emoções e interpretações que escapam à narrativa histórica tradicional. Para a autora, compreender uma guerra a partir das memórias de indivíduos é reconhecer que o passado é reconstruído por meio de afetos, seleções e esquecimentos, e que essa reconstrução é fundamental para a constituição da memória social. Embora seu estudo tenha como foco a experiência feminina na Segunda Guerra, seus aportes metodológicos são plenamente aplicáveis ao contexto da Grande Guerra, pois envolvem as mesmas questões centrais: a subjetividade, a dor, a resiliência e a tentativa de elaborar o trauma.

Dessa forma, compreender a Primeira Guerra por meio de autobiografias exige reconhecer que a memória não é um simples depósito de fatos, mas um processo ativo de criação de sentido. Eksteins (1989), ao analisar a cultura da Belle Époque e o impacto da guerra na sensibilidade moderna, demonstra que os conflitos do início do século XX não apenas transformaram estruturas políticas, mas também abalaram profundamente os modos de lembrar e narrar. A guerra rompeu padrões tradicionais de estabilidade emocional, confiança no progresso e segurança existencial, inaugurando um cenário marcado pela incerteza e pelo desencanto. Nesse contexto de crise civilizatória, a escrita autobiográfica se tornou um espaço de reconstrução identitária, no qual autores buscaram encontrar coerência em meio ao caos vivido.

A importância de considerar autobiografias como fontes históricas torna-se ainda mais evidente quando se leva em conta o que Eric Hobsbawm (1995) define como o “século das catástrofes”. Para o autor, a violência do período 1914–1945 ultrapassou qualquer experiência humana anterior, criando um abismo entre o mundo pré-guerra e o mundo que emergiu após os conflitos. A memória da guerra, portanto, não é apenas um registro individual, mas parte essencial do processo de compreensão de uma época marcada pela destruição de referências, pela perda de estabilidade e pela necessidade de elaborar novas formas de entender a condição humana. Nesse cenário, autobiografias funcionam como documentos privilegiados porque revelam como esses grandes acontecimentos foram experimentados por pessoas concretas, em suas vidas diárias, fora dos grandes centros decisórios e políticos.

O uso de narrativas autobiográficas como fontes para a História também evidencia a complexidade do ato de lembrar. Como ressalta Pereira (2000), toda autobiografia envolve escolhas narrativas — o que recordar, o que esquecer, o que enfatizar —, e essas escolhas revelam tanto sobre o contexto vivido quanto sobre o processo posterior de rememoração. A memória é, nesse sentido, seletiva, afetiva e situada, e isso não anula seu valor histórico; pelo contrário, é justamente essa subjetividade que permite compreender aspectos do passado que documentos oficiais não registram. Essa dimensão subjetiva do testemunho encontra eco em autores como Remarque, Brittain e Bloch, cujas obras analisadas nas seções seguintes revelam como a escrita se tornou uma forma de enfrentar o trauma, reconstruir significados e dar voz a vivências frequentemente silenciadas.

Além disso, a autobiografia apresenta uma característica essencial para o estudo da Primeira Guerra Mundial: ela preserva a multiplicidade das experiências. Enquanto a narrativa oficial tende a homogeneizar acontecimentos, a escrita autobiográfica revela diferenças de classe, gênero, nacionalidade e sensibilidade. A experiência de um soldado nas trincheiras, como narrada por Remarque, difere profundamente daquela de uma enfermeira voluntária como Brittain, assim como se distingue da análise amarga e intelectualizada de um historiador combatente como Bloch. Essa diversidade de perspectivas não representa um desafio à coesão analítica, mas uma riqueza interpretativa, pois permite compreender a guerra como fenômeno plural, marcado por vivências contrastantes, ainda que atravessadas por um mesmo cenário de destruição.

Por fim, trabalhar com autobiografias da Primeira Guerra implica reconhecer a força que a escrita de si assume na elaboração do trauma. Como demonstram Gonçalves (2022) e Pereira (2000), a memória individual não é apenas registro, mas também cura. Narrar a própria experiência pode transformar violência em reflexão, dor em palavra e perda em sentido. No caso da Grande Guerra, essa característica é particularmente evidente: inúmeros autores só conseguiram lidar com a devastação por meio da escrita. Assim, suas obras não são apenas documentos históricos, mas testemunhos sensíveis da condição humana levada ao extremo.

Nesse sentido, buscamos estabelecer os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam a análise proposta ao longo do artigo. Com base nas reflexões de Pereira, Gonçalves, Eksteins e Hobsbawm, reafirma-se a importância de compreender a autobiografia como fonte legítima e imprescindível para investigar os impactos subjetivos da Primeira Guerra Mundial. Os itens seguintes aprofundam essa análise ao examinar as narrativas de

Bloch, Remarque e Brittain, cuja escrita revela a força da memória e a potência da experiência individual diante da catástrofe histórica.

Por fim, torna-se fundamental incorporar a perspectiva da memória coletiva, tal como formulada por Maurice Halbwachs, para aprofundar a compreensão das narrativas autobiográficas enquanto fontes históricas. Para o autor, a memória individual não existe de forma isolada, mas é constantemente moldada pelos grupos sociais aos quais o indivíduo pertence, sendo construída e reconstruída a partir de referências coletivas, culturais e sociais compartilhadas. Nesse sentido, lembrar não é apenas um ato interno e subjetivo, mas um processo socialmente condicionado, no qual o sujeito reorganiza suas experiências à luz de valores, linguagens e estruturas de pertencimento. Aplicada ao contexto da Primeira Guerra Mundial, essa perspectiva permite compreender que os relatos de Bloch, Remarque e Brittain não expressam apenas vivências individuais, mas também refletem memórias coletivas de seus respectivos contextos nacionais, geracionais e sociais. Assim, as autobiografias analisadas participam ativamente da construção de uma memória social da guerra, evidenciando como o passado é continuamente reinterpretado a partir das necessidades e referências do presente.

3. A experiência e memória do historiador Marc Bloch na Grande Guerra

A análise das experiências autobiográficas da Primeira Guerra Mundial encontra em *A Estranha Derrota*, de Marc Bloch, uma de suas mais potentes expressões. Escrita em 1940, logo após a derrota francesa para a Alemanha nazista, a obra constitui não apenas um testemunho pessoal, mas também um exercício crítico de interpretação histórica. Como o próprio autor explicita logo no início da obra, sua escrita nasce da urgência do acontecimento vivido e da necessidade de registrar a experiência ainda em sua forma mais imediata:

“Serão essas páginas um dia publicadas? Não sei. É provável, em todo caso, que por muito tempo elas só sejam conhecidas fortuitamente, à exceção dos que me cercam. Mesmo assim, resolvi escrevê-las. O esforço será pesado: como seria mais cômodo ceder aos conselhos do cansaço e do desânimo! Mas um testemunho só vale quando tomado em seu frescor primeiro, e não quero crer que este há de ser completamente inútil.” (BLOCH, 2011, p. 8)

Embora trate da Segunda Guerra, Bloch recorre constantemente às memórias que acumulou como combatente na Primeira Guerra Mundial, revelando como aquela experiência marcou profundamente sua visão sobre a condição humana, os limites das instituições e a fragilidade das democracias europeias. Desse modo, sua escrita evidencia a forma como a memória individual se articula à compreensão dos processos históricos, configurando-se como um documento singular

sobre o impacto do primeiro conflito mundial sobre aqueles que o vivenciaram.

A presença da Primeira Guerra nas reflexões de Bloch não é apenas contextual; ela estrutura sua percepção de mundo. Como historiador e soldado, Bloch vivenciou na linha de frente a ruptura brutal entre a racionalidade europeia da Belle Époque e a irrupção da violência industrializada. Mesmo inserido diretamente no acontecimento, o autor evidencia a permanência de sua postura crítica e analítica, característica fundamental de sua formação intelectual: “Mesmo mergulhado no acontecimento, não deixou de refletir, de dominá-lo intelectualmente.” (BLOCH, 2011, p. 6)

Eksteins (1989) observa que a Grande Guerra produziu uma fissura irreversível na sensibilidade moderna, demolindo o otimismo progressista e instaurando uma cultura marcada pelo desencanto. As memórias evocadas por Bloch ecoam esse diagnóstico: o historiador identifica na experiência de 1914–1918 o início do colapso das estruturas que, décadas depois, culminariam na nova derrota francesa que testemunhou. Assim, sua autobiografia intelectual evidencia como o trauma da Primeira Guerra se transformou em lente interpretativa para analisar a decadência política, militar e moral da França no século XX.

Ao abordar a experiência de Bloch como testemunho, torna-se fundamental compreender o caráter híbrido de *A Estranha Derrota*. Embora não seja um relato autobiográfico convencional — pois não segue uma narrativa linear de vida —, sua escrita constitui uma forma de autobiografia intelectual. Como destaca Lígia Maria Leite Pereira (2000), há autobiografias que, embora não se dediquem à narração detalhada de toda a vida do autor, revelam sua interioridade, seu ponto de vista e os modos pelos quais constrói sentido para as experiências vividas. Esse é precisamente o caso de Bloch: seu livro é menos uma descrição das batalhas e mais uma reflexão sobre como suas vivências de guerra moldaram sua consciência histórica e sua crítica às instituições francesas.

Joyce Rodrigues Silva Gonçalves (2022) afirma que a autobiografia é atravessada por emoções que emergem como elementos estruturantes da narrativa. Embora Gonçalves analise relatos femininos da Segunda Guerra, sua observação se aplica diretamente a Bloch: sua escrita é permeada por indignação, frustração, perplexidade e, sobretudo, pela necessidade de dar sentido ao fracasso coletivo. A guerra, nesse caso, não é apenas um acontecimento; é uma experiência emocionalmente densa, cuja elaboração narrativa permite ao sujeito transformar a dor e a perplexidade em interpretação histórica. Para o historiador, recordar a Primeira Guerra é recordar também o esgotamento do mundo que a antecedeu e a impossibilidade de retorno a qualquer estabilidade anterior.

Além disso, Bloch oferece um testemunho fundamental para compreender os limites da

racionalidade científica diante da violência moderna. Hobsbawm (1995) ressalta que a Primeira Guerra inaugurou um período de instabilidade global em que as ferramentas tradicionais das ciências humanas se mostraram insuficientes para prever a magnitude das transformações que estavam em curso. Essa percepção é compartilhada por Bloch, que revela em seu texto a tensão entre sua formação de historiador — orientada pela busca de causas estruturais e explicações amplas — e o impacto avassalador da experiência pessoal como soldado. A guerra o confrontou com a falibilidade humana, a irracionalidade política, a incompetência militar e o colapso das certezas científicas.

A crítica que Bloch faz às instituições francesas, especialmente ao exército, revela ainda uma dimensão política importante da memória da guerra. Nesse sentido, o autor problematiza diretamente a ideia de exceção individual diante do esforço coletivo, evidenciando tensões sociais e morais vividas no contexto do conflito:

“Apresentamos algumas isenções de serviço a nosso povo menos como necessidades desagradáveis e um pouco humilhantes do que como favores, quicá direitos. [...] A meu ver, esse sentimento soava falso. [...] Mas diante da opção pelas armas, haveria, mais uma vez, algo que pudesse pesar na balança? [...] Ninguém tem o direito de acreditar que sua vida é mais útil que a dos vizinhos, pois cada um, em sua esfera, pequena ou grande, sempre encontrará razões perfeitamente legítimas para se acreditar necessário.”
(BLOCH, 2011, p. 107)

Essa reflexão evidencia não apenas a dimensão moral de sua análise, mas também sua compreensão da guerra como fenômeno coletivo, no qual responsabilidades, sacrifícios e perdas são compartilhados, contrariando qualquer tentativa de privilégio individual diante da catástrofe histórica.

Nesse sentido, *A Estranha Derrota* ajuda a iluminar um aspecto central da autobiografia como fonte histórica: ela revela a maneira pela qual indivíduos reconstróem suas experiências sob a forma de narrativa, conferindo-lhes sentido retrospectivo. Como observa Pereira (2000), a autobiografia é sempre um ato de interpretação e, por isso, constitui um documento privilegiado para acessar não apenas fatos, mas também a forma como o sujeito os compreende, os assimila e os traduz em reflexão. No caso de Bloch, a escrita não é apenas um exercício intelectual, mas uma tentativa de elaborar uma experiência que o atravessou de maneira profunda, dando forma narrativa ao trauma de ver seu país sucumbir — novamente — a uma guerra que já havia deixado marcas indeléveis em sua geração.

Outro aspecto fundamental da obra é a maneira como Bloch contextualiza sua experiência individual em um cenário mais amplo. Influenciado pela tradição da história social francesa, Bloch

evita transformar sua narrativa em confissão individualizada. Ao contrário, busca compreender sua experiência como parte de um fenômeno coletivo. Essa articulação entre o individual e o social aproxima sua escrita do que Gonçalves (2022) identifica como “memória compartilhada”.

Por fim, o testemunho de Bloch revela a potência da autobiografia como fonte para compreender a dimensão humana da guerra. Sua obra não é apenas o lamento de uma derrota, mas a tentativa de entender como a experiência individual se entrelaça com a história coletiva. A Primeira Guerra não aparece em seu texto apenas como lembrança distante, mas como o marco inaugural de um século definido pela violência, pela instabilidade e pela perda de referências. Nesse sentido, Bloch encarna aquilo que Eksteins, Pereira e Gonçalves discutem: a memória é sempre reconstruída e carregada de intencionalidades, mas é justamente isso que a torna indispensável para compreender a guerra.

Este item, portanto, evidencia como Marc Bloch transforma sua experiência na Primeira Guerra em reflexão historiográfica, revelando a força da memória individual na interpretação de processos coletivos. Nos itens seguintes, essa abordagem será aprofundada por meio da análise dos testemunhos de Erich Maria Remarque e Vera Brittain, cujas narrativas, embora distintas, também revelam a complexidade da experiência humana em tempos de devastação total.

4. A experiência do trauma da Guerra: Remarque e Brittain

A compreensão da Primeira Guerra Mundial a partir de relatos autobiográficos encontra em *Nada de Novo no Front*, de Erich Maria Remarque, e *Testamento de Juventude*, de Vera Brittain, duas das mais impactantes representações da experiência humana submetida à violência total. Embora provenientes de contextos distintos — Remarque como soldado alemão nas trincheiras e Brittain como enfermeira voluntária britânica —, suas narrativas convergem em pontos essenciais: ambas revelam a destruição física e emocional provocada pelo conflito, a perda de sentido diante do horror cotidiano e a impossibilidade de retorno ao mundo anterior. Como observa Eric Hobsbawm (1995), a Grande Guerra foi o “laboratório do século XX”, antecipando a brutalidade que marcaria toda a era contemporânea. Os testemunhos de Remarque e Brittain permitem visualizar de perto essa brutalidade, conferindo rosto, voz e emoção às estatísticas e aos processos históricos.

A obra de Remarque constitui uma das representações mais contundentes da vida nas trincheiras. Ao narrar a trajetória de Paul Bäumer, o autor expõe não apenas a experiência do combate, mas também a ruptura entre o mundo anterior e a realidade da guerra, como se evidencia no retorno do personagem ao espaço doméstico, agora esvaziado de sentido:

“Era neste quarto que vivia antes de ser soldado. Os livros, eu os comprava aos poucos com o dinheiro que ganhava dando aulas; muitos deles, de segunda mão: todos os clássicos, por exemplo, encadernados em linho azul, custavam um marco e vinte pfennig o volume. Comprei a coleção completa, pois sempre fui meticoloso, não confiava em editores de trechos escolhidos; duvidava sempre de que tivessem selecionado o melhor. Por isso, só comprava ‘Obras Completas’. [...] Pela pequena janela aberta, vejo a imagem familiar da rua com a torre da igreja que se ergue ao fundo. Há flores em cima da mesa. Porta-canetas, lápis, uma concha como peso de papel, o tinteiro aqui, nada mudou.” (REMARQUE, 1992, p. 93-94)

Esse trecho evidencia a impossibilidade de reconexão com o passado, reforçando a ideia de que a guerra não apenas transforma o presente, mas rompe definitivamente os vínculos com a vida anterior. Eksteins (1989) argumenta que a Grande Guerra inaugurou uma nova sensibilidade moderna marcada pela ruptura com a lógica racional, e Remarque confirma esse diagnóstico ao mostrar que o front era um espaço onde a sobrevivência dependia menos de estratégia do que do acaso. A cotidianidade da morte, a precariedade absoluta, o medo constante e a perda progressiva da identidade levam seus personagens à exaustão física e moral, ilustrando aquilo que Hobsbawm (1995) denomina “choque de modernidade”.

Nesse contexto, *Nada de Novo no Front* não se limita a descrever a guerra; ele denuncia o fracasso moral das sociedades que enviaram seus jovens à destruição. A banalização da violência e a adaptação forçada à rotina do conflito tornam-se evidentes na própria consciência dos soldados:

“Ontem, ainda estávamos debaixo do fogo; hoje, dizemos bobagens, deixamos correr a vida; amanhã, voltaremos para as trincheiras. Na realidade, nada esquecemos.” (REMARQUE, 1992, p. 77)

Essa passagem revela como o trauma não desaparece, mas é incorporado ao cotidiano, evidenciando a tensão entre sobrevivência e memória. A crítica de Remarque dialoga diretamente com a análise de Lígia Maria Leite Pereira (2000), para quem relatos autobiográficos revelam os modos pelos quais o indivíduo interpreta situações extremas.

Enquanto Remarque oferece a perspectiva do soldado no front, Vera Brittain apresenta a dimensão da guerra vivida na retaguarda, especialmente por mulheres que assumiram funções essenciais, mas frequentemente invisibilizadas. Em seu relato, a escrita surge como necessidade vital de preservar a memória daqueles que foram perdidos:

«Si la guerra me perdona la vida», escribió Brittain a su hermano, «mi único objetivo será inmortalizar en un libro nuestra historia, la de nuestros amigos». (BRITTAİN, 2019, p. 2)

Essa afirmação evidencia a escrita como forma de elaboração do trauma e construção da memória, dialogando diretamente com as reflexões de Gonçalves (2022). Ao mesmo tempo,

Brittain revela uma dimensão central da experiência da guerra: o luto e o esquecimento daqueles que desapareceram:

«Y hay otros a los que ya nadie recuerda, que terminaron cuando terminó su vida, que existieron como si no hubieran existido.» (BRITTAİN, 2019, p. 5)

O testemunho de Brittain evidencia, assim, uma dimensão fundamental da memória da guerra: a persistência da perda e o risco do apagamento. Enquanto Remarque descreve a destruição cotidiana no front, Brittain analisa as consequências emocionais da perda, revelando como o trauma se prolonga muito além do fim dos combates. Sua narrativa demonstra o que Eksteins (1989) descreve como “colapso da sensibilidade pré-guerra”.

Ao colocar Remarque e Brittain em diálogo, torna-se possível compreender diferentes camadas da experiência da guerra. Em Remarque, o foco está na degradação física e na desumanização; em Brittain, na devastação emocional e na impossibilidade de retorno à vida anterior. No entanto, ambos convergem em um ponto essencial: a guerra destruiu não apenas os corpos, mas os significados que sustentavam a vida civil.

Outra convergência entre os autores reside no papel da escrita como forma de elaboração do trauma. Remarque e Brittain escrevem porque precisam dar sentido ao que viveram; suas obras são tentativas de compreender e ressignificar o absurdo. Essa dimensão subjetiva confirma a importância da escrita autobiográfica como fonte histórica.

Além disso, ambos revelam a multiplicidade das experiências da Grande Guerra. Enquanto Remarque vive o front como espaço de violência impessoal e desumanizadora, Brittain vivencia a retaguarda como espaço de sofrimento íntimo e dilacerante. Essa pluralidade reforça a importância de múltiplos testemunhos para compreender a guerra de forma integral.

Por fim, é possível afirmar que Remarque e Brittain desmontam a narrativa nacionalista que glorificou a Primeira Guerra. Suas obras revelam o descompasso entre o discurso patriótico e a experiência concreta vivida pelos indivíduos, expondo o abismo entre o heroísmo imaginado e a catástrofe real.

Desse modo, este item demonstrou que Remarque e Brittain oferecem perspectivas complementares e indispensáveis para compreender a Primeira Guerra Mundial a partir das narrativas autobiográficas. Seus testemunhos ampliam a compreensão do impacto subjetivo da guerra, revelando tanto a desumanização do front quanto a devastação emocional da retaguarda. No próximo item, essas análises convergem para discutir como os três autores — Bloch, Remarque e Brittain — constroem, por meio da escrita de si, uma memória complexa e profundamente

humana do maior conflito de sua geração.

5. Memória, identidade e sentido: convergências autobiográficas na representação da Primeira Guerra Mundial

A análise comparativa dos testemunhos de Marc Bloch, Erich Maria Remarque e Vera Brittain possibilita compreender a Primeira Guerra Mundial como um processo histórico profundamente disruptivo, responsável por romper as estruturas simbólicas, afetivas e culturais que sustentavam o mundo europeu do início do século XX. Embora escrevam a partir de posições distintas — o historiador combatente, o soldado e a enfermeira —, os três autores convergem na tentativa de transformar a experiência traumática em narrativa, buscando atribuir sentido ao caos vivido. Essa convergência confirma a reflexão de Lígia Maria Leite Pereira (2000) acerca do caráter interpretativo da autobiografia: ao narrar sua história, o sujeito reorganiza o vivido, seleciona acontecimentos e elabora sentidos que lhe permitem compreender o passado.

No caso de Marc Bloch, a escrita autobiográfica assume uma função dupla. Ao mesmo tempo em que busca explicar a derrota francesa, o autor retoma a memória da Primeira Guerra Mundial como referência formadora de sua consciência histórica. Sua obra evidencia, assim, como as experiências individuais moldam o olhar historiográfico e como o passado recente se torna instrumento de análise do presente. No trecho a seguir, podemos ver como Bloch articula identidade pessoal, posicionamento político e compromisso intelectual:

“Sou judeu, se não pela religião, que não pratico, aliás como nenhuma outra, ao menos por nascimento. Não tiro disso nem motivo de orgulho nem de vergonha, sendo, espero, um historiador suficientemente bom para não ignorar que as predisposições raciais são um mito e que a própria noção de raça pura é um absurdo particularmente flagrante, quando pretende se aplicar, como aqui, ao que era na realidade um grupo de fiéis outrora recrutado em todo o mundo mediterrâneo, turco-cazaque e eslavo. Só reivindico minha origem num único caso: diante de um antisemita. Mas talvez as pessoas que venham a fazer oposição a meu testemunho tentem destruí-lo chamando-me de “meteco”. Responderei simplesmente que meu bisavô foi soldado, em 1793; que meu pai serviu em 1870, em Estrasburgo, durante o cerco; que meus dois tios e ele deixaram voluntariamente a Alsácia natal, depois de sua anexação ao Segundo Reich; que fui criado no culto dessas tradições patrióticas, das quais os israelitas do êxodo alsaciano sempre foram os mais ardentes defensores; e, enfim, que a França, de onde alguns hoje conspiram para me expulsar e talvez (quem sabe?) tenham sucesso, será sempre,

aconteça o que acontecer, a pátria da qual não saberia arrancar meu coração. Nasci aqui, bebi na fonte de sua cultura, fiz de seu passado o meu, só respiro bem sob seu céu e tenho me esforçado, por meu lado, para defendê-la o melhor que puder.” (Bloch, 2011, p. 9)

Esse excerto permite demonstrar como Bloch articula memória e reflexão crítica para compreender a crise das instituições francesas e o colapso moral provocado pela guerra. Conforme observa Eksteins (1989), a Grande Guerra marcou o fim das crenças no progresso e na estabilidade europeia, e Bloch expressa essa ruptura ao revisitar sua trajetória militar e intelectual. Em sua narrativa, o passado recente torna-se chave interpretativa do presente trágico, confirmando a proposta de Pereira (2000) de que a autobiografia constitui um documento privilegiado da interação entre indivíduo e sociedade.

Erich Maria Remarque, por sua vez, insere-se nesse debate a partir da perspectiva do soldado submetido ao cotidiano brutal das trincheiras. Sua narrativa revela a desumanização como traço central da experiência de guerra, evidenciando aquilo que Hobsbawm (1995) identifica como a modernidade da violência: a industrialização da morte, a impessoalidade do combate mecanizado e a transformação dos corpos em engrenagens descartáveis. A cena do reencontro com a família, marcada pela incapacidade de comunicação e pela contenção emocional, explicita o abismo entre o front e a vida civil:

Ela escancara uma porta e grita: — Mãe, mãe, Paul está aqui! Não consigo mais andar. — Mãe, mãe, Paul está aqui! Encosto-me na parede e aperto nervosamente meu capacete e meu fuzil: aperto-os tanto quanto posso, mas não consigo dar mais um passo, a escada dissolve-se diante dos meus olhos, apóio-me com a coronha nos pés e cerro os dentes, com força, mas o que minha irmã disse me deixou sem forças, esforço-me terrivelmente para rir e falar, mas não consigo articular uma palavra, e assim fico na escada, infeliz, inútil e paralisado, e, contra a minha vontade, as lágrimas deslizam-me pelo rosto. [...] Devo contar-lhe que, uma vez, descobrimos três trincheiras onde todos inimigos estavam solidificados nas suas posições, como que abatidos por um raio? [...] ficaram de pé ou deitados, os homens mortos com os rostos azuis. (Remarque, 1992, p. 88-89)

A inserção desse excerto permite articular a análise com o conceito de trauma e com o profundo abalo psicológico que atravessa *Nada de Novo no Front*, ampliando a compreensão da guerra como uma experiência que destruiu não apenas vidas, mas também estruturas de sentido. Conforme destaca Gonçalves (2022), narrativas autobiográficas revelam afetos e subjetividades ausentes nos documentos oficiais, e é precisamente nesse espaço que Remarque constrói sua crítica à guerra e à retórica heróica que a sustentou.

Vera Brittain, por sua vez, oferece uma perspectiva fundamental para compreender a guerra para além do campo de batalha. Seu testemunho evidencia o impacto do conflito sobre as

mulheres que atuaram como enfermeiras e sobre as famílias que permaneceram na retaguarda, marcadas pela espera, pelo luto e pela constante iminência da perda. Ao rememorar a dissolução dos ideais otimistas da juventude, Brittain expressa o colapso emocional de toda uma geração:

En 1916, los ideales optimistas de mis primeros años de vida ya habían desaparecido por completo de la portadilla de mi ingenuo diario, y habían sido sustituidos por cuatro versos de Paul Verlaine que siempre me ha parecido que representan con más precisión que ningún otro poema esa abrumadora sensación de haber visto y sufrido demasiado que hundió a la juventud de mi generación tras un año o dos de guerra: Tú, que sin cesar lloras, ¿qué hiciste, dime tú? ¿Qué hiciste de tu juventud?[4] William Noel Hodgson, que con tan solo veinte años murió en la batalla del Somme, lamentaba también esa juventud perdida que apenas si había conocido en una de las cancioncillas más tristes que ha dado la guerra. Recuerdo que casi me hizo llorar cuando, después de cuatro años de hospitales, últimos permisos y despedidas, la oí entonada por Topliss Green en el Royal Albert Hall; era 1919: Toma mi juventud, que murió hoy, tumbala sobre un lecho de rosas tan gallarda y valiente como era, que oculten su inerte cabeza rosas apasionadas y rojas que pronto se marchitan. Que la pequeña tumba se halle donde mis ojos nunca la vean; que no haya lápida, ni lamento, no vaya a quebrarse mi pobre corazón (pero que haya, para mi flaqueza, ramilletes de ruda y romero). De nuevo me estoy adelantando. Las candidas citas de mi diario de juventud que he usado —y pretendo usar— se incluyen en este libro para dar una idea del efecto que ejerció la guerra, con sus crudas desilusiones y sus miserias nunca mitigadas por un cortés disimulo, sobre la muchacha ingenua y sencilla que «se hizo mayor» (en un sentido puramente social) justo antes de que estallara el conflicto. El destructivo apocalipsis que estaba por venir, cuyos terrores suelen retratar con gráficas palabras los profetas de la Sociedad de Naciones, no lograría provocar en la juventud brillante de hoy en día — con su realismo imperturbable, su conocimiento informal e íntimo de la realidad sexual y su familiaridad con las experiencias de sus condenados predecesores— ni una décima parte del trauma físico y psicológico que la Gran Guerra ejerció sobre la Chica Moderna de 1914. (Brittain, 1993, p. 37-38)

Essa citação permite articular a leitura de Brittain com as observações de Eksteins (1989) sobre o colapso emocional e cultural da Belle Époque. A autora demonstra que a guerra não destruiu apenas soldados, mas também a confiança social, as promessas de futuro e os vínculos afetivos que sustentavam a juventude europeia anterior a 1914.

Ao colocar Remarque e Brittain em diálogo, torna-se evidente que, embora partam de experiências distintas, ambos desmontam a narrativa heroica propagada durante o conflito e revelam a distância entre as expectativas patrióticas e a realidade devastadora da guerra. Segundo Hobsbawm (1995), a Primeira Guerra inaugurou um período de descrença na autoridade e nas promessas do Estado-nação, e os testemunhos analisados ilustram essa transição ao transformar vivências pessoais em reflexão crítica.

Outro ponto de convergência fundamental entre Bloch, Remarque e Brittain é a necessidade de elaborar o trauma por meio da escrita. De acordo com Gonçalves (2022), a autobiografia pode funcionar como espaço de reconstrução emocional e simbólica. No contexto da Primeira Guerra Mundial, escrever torna-se uma forma de suportar a dor, enfrentar a incompreensão e traduzir em linguagem aquilo que parecia irrepresentável. A narrativa converte o indizível em memória compartilhável.

Ao analisar conjuntamente esses três testemunhos, percebe-se que todos revelam o que Eksteins (1989) define como o “nascimento da modernidade sombria”: uma cultura marcada pela desilusão, pela consciência da fragilidade humana e pela percepção de que o mundo anterior havia irremediavelmente desaparecido. A memória, nesse sentido, não se limita à recordação; ela se transforma em crítica histórica, denúncia e resistência.

Dessa forma, este item demonstra como Bloch, Remarque e Brittain transformam suas vivências individuais em interpretações amplas do conflito, contribuindo para uma compreensão complexa da Primeira Guerra Mundial. Suas narrativas revelam múltiplas dimensões da experiência — o front, a retaguarda, o trauma psicológico, o luto e a crítica política — e, em conjunto, constroem um mosaico profundo e multifacetado da guerra.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da Primeira Guerra Mundial a partir dos relatos autobiográficos de Marc Bloch, Erich Maria Remarque e Vera Brittain permitiu compreender o conflito sob uma perspectiva que ultrapassa a dimensão político-militar tradicionalmente privilegiada pela historiografia clássica. Ao incorporar a experiência individual à reflexão histórica, torna-se possível perceber a guerra não como um acontecimento distante e abstrato, mas como uma vivência concreta, marcada pelo trauma, pelo sofrimento e pela reconstrução subjetiva. A escrita autobiográfica, nesse contexto, mostra-se um instrumento fundamental para recuperar sensibilidades, memórias e percepções que revelam a complexidade humana diante da catástrofe.

A memória desempenha papel central nessas narrativas. Para Bloch, recordar a Primeira Guerra é também compreender o colapso das instituições francesas e da sociedade europeia que ele testemunhou novamente em 1940. Remarque, ao narrar o cotidiano brutal das trincheiras, revela a desumanização sistemática produzida pela guerra industrializada, desmontando os discursos heroicos e patrióticos que precederam o conflito. Brittain, por sua vez, expõe a

dimensão emocional da guerra, marcada pelo luto, pela perda irreparável e pela destruição afetiva que atingiu famílias inteiras. Embora partam de experiências distintas, os três autores convergem ao demonstrar que a guerra rompeu não apenas corpos e territórios, mas também estruturas simbólicas, identidades e expectativas de futuro.

Quando articulados com a interpretação histórica desenvolvida por Eksteins, Hobsbawm, Pereira e Gonçalves, esses testemunhos ganham maior profundidade analítica. Eksteins observa que a Primeira Guerra inaugurou uma modernidade sombria, marcada pelo desencantamento e pela ruptura com valores da Belle Époque. Hobsbawm, por sua vez, abre *Era dos Extremos* destacando justamente o contraste entre o mundo anterior a 1914 — de prosperidade, otimismo e confiança no progresso — e o cenário devastador que emergiu após o conflito. Embora não utilize diretamente o termo “Belle Époque”, ele descreve um período de estabilidade econômica relativa, avanços científicos, efervescência cultural e fé no futuro. A historiografia posterior reconheceu esse conjunto como a Belle Époque: uma era de esplendor que parecia anunciar um porvir luminoso. Ainda que autores, como Modris Eksteins, apontem algumas contradições na Belle Époque, momento em que os encantos modernos convivem com contradições políticas e estruturais (desigualdade, pobreza, falta de acesso a políticas públicas etc.), com o crescimento do antissemitismo e movimentos radicais de extrema direita em toda Europa.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial destruiu definitivamente esse imaginário de um futuro melhor. O conflito começou com expectativas tradicionais — mobilizações rápidas, cavalarias, patriotismo inflamado —, quase como uma continuação dos padrões militares do século XIX. Contudo, seu desfecho evidenciou a violência impessoal e mecanizada da modernidade: tanques de guerra, aviões, metralhadoras de alta potência, artilharia pesada e gases tóxicos transformaram o campo de batalha em um ambiente de destruição industrial. O mesmo avanço tecnológico que simbolizava o progresso durante a Belle Époque converteu-se em instrumento de morte em escala inédita, revelando as contradições internas da modernidade.

Esse contraste reforça o argumento demonstrado pelos autores estudados: a Primeira Guerra significou uma ruptura civilizatória profunda. Se Remarque revela o impacto dessa transformação diretamente no front, Brittain expõe suas reverberações na retaguarda, e Bloch interpreta historicamente o colapso moral e institucional que dali se seguiu. Todos testemunham, de maneiras distintas, a queda de um mundo que parecia estável e seguro, substituído por um século marcado pela violência política, pela instabilidade e pela descrença nas promessas do progresso.

Assim, este trabalho demonstrou que as autobiografias da Primeira Guerra Mundial

constituem fontes valiosas para compreender tanto a experiência individual quanto às transformações estruturais mais amplas. As narrativas de Bloch, Remarque e Brittain mostram que a guerra não pode ser compreendida apenas pelos grandes eventos militares, mas pelas múltiplas vozes que vivenciaram sua irrupção, sua violência e suas consequências duradouras. Ao recuperar essas vozes, ampliamos a compreensão histórica do conflito e evidenciamos como o trauma, o luto e a necessidade de narrar o vivido se articulam para reconstruir os sentidos diante da destruição.

Dessa forma, conclui-se que a escrita autobiográfica é não apenas registro, mas também gesto de resistência, elaboração e reconstrução. Os testemunhos analisados permanecem essenciais para compreender como indivíduos transformam experiências extremas em memória histórica e como essa memória, por sua vez, ilumina os processos que moldaram o século XX. A Primeira Guerra, vista através desses relatos, deixa de ser apenas um marco cronológico e se apresenta como uma ferida que atravessou gerações — e que ainda hoje ressoa como advertência sobre os limites da modernidade e os riscos das ilusões de progresso.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
BRITAIN, Vera. *Testament of Youth*. 1933. Tradução de Regina López Muñoz. Madrid: Insurgentes, 2019.

EKSTEINS, Modris. *A sagração da primavera: a Grande Guerra e o nascimento da era moderna*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

GONÇALVES, Joyce Rodrigues Silva. *Narrativas autobiográficas: memórias de mulheres sobre a Segunda Guerra Mundial*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Tradução de Marcos Santarrita. Revisão técnica de Maria Célia Paoli. 2. ed., 9. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, Belo Horizonte, v. 3, p. 117–127, 2000.

REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front*. Rio de Janeiro: L & PM Pocket, 1992.
TOGNOLI, Sônia Érika Kátia do Amaral. Maurice Halbwachs: a memória coletiva. *Scripta Alumni*, n. 2, 2009.

ANEXO. Regras para submissão Revista CLIO UFPE

Regras para submissão Revista CLIO UFPE

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. Todos os artigos deverão estar em editor de texto Microsoft Word.

Os artigos devem ter entre 15 e 25 páginas de extensão, digitadas em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço 1,5, com todas as margens 2,5cm, folha tamanho A4.

Abaixo do título, deverá constar apenas o nome do autor(a). Ao final da primeira página, abaixo dos resumos, deverá constar uma pequena biografia, com a titulação e função atuais, instituição e departamento ao qual ele(a) se vincula, endereço de contato (preferencialmente da instituição ao qual é vinculado(a), e-mail e ORCID.

Fotografias, ilustrações, tabelas e/ou gráficos, devem estar inseridos no corpo do texto. As tabelas e os gráficos devem ser numerados consecutivamente com algarismos arábicos e encabeçados por título, com as fontes devidamente mencionadas. As imagens, em formato JPG, devem ter legendas iniciadas pelo termo Figura e numeradas em algarismos arábicos. Exemplo:

Figura 1: crítica no Jornal *O Nacional*.



Fonte: O Nacional 02 de janeiro de 1947.

Tabela 1: xxxx xxxx xxxx xxxxx xxx.

xxxxx	xxxx	xxxxxx
xxxxx		*
xxxxx	*	
xxxxx		*
xxxxx		*

Fonte: xxxxx x x x x xxxx

As notas (de acordo com a NBR 6023) deverão ser colocadas ao final do texto, juntamente com a bibliografia consultada.

As resenhas deverão ter até cinco páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12.

2. Os artigos devem conter título e resumo de **no máximo 08 linhas**, fonte Times New Roman, tamanho 12 em português, inglês e espanhol. Também devem conter 4 palavras - chaves nos respectivos idiomas, iniciadas com letras minúsculas e separadas por ponto e vírgula.

As resenhas também deverão vir acompanhadas com os títulos em inglês e espanhol e também de 4 palavras-chave em português, inglês e espanhol, separadas por vírgula e letras iniciais maiúsculas.

3. Os autores dos artigos e resenhas submetidos à CLIO: Revista de Pesquisa Histórica, atestam que suas colaborações são originais e inéditas (não estão sendo avaliadas por outra revista ou nunca tiveram uma versão dos mesmos publicada anteriormente).
4. As notas ao final do documento e as referências bibliográficas devem estar separadas e seguir as normas da **ABNT-NBR 6023**, a qual foi baseada nas ISO 690:1987 e ISO 690- 2. (texto completo da NBR 6023)

A bibliografia, juntamente com as notas, deverão constar ao final do texto. Abaixo, exemplos de citações:

Livro:

SOBRENOME, Nome. Título do livro em itálico: subtítulo. Tradução. Edição. Cidade: Editora, ano. nnp.

Capítulo ou parte de livro:

SOBRENOME, Nome. Título do capítulo ou parte do livro. In: SOBRENOME, Nome (Org.) Título do livro em itálico: subtítulo. Tradução. Edição. Cidade: Editora, ano. p.xxx-yyy.

Artigo em periódico:

SOBRENOME, Nome. Título do artigo. Título do periódico em itálico, Cidade: Editora, v.xx, n.xx, p.xxx-yyy, ano.

Trabalho acadêmico:

SOBRENOME, Nome. Título em itálico: subtítulo. Dissertação/Tese (Mestrado/Doutorado em ...) – Unidade, Instituição. Cidade, ano. nnp. **Texto obtido na internet:**

SOBRENOME, Nome. Título. Data (se houver). Disponível em: www...; Acesso em: dd mmm. ano.

Trabalho apresentado em evento:

SOBRENOME, Nome. Título do trabalho. In: NOME DO EVENTO, número (se houver), ano, Local do evento. Anais... Local: Editora (se houver), ano. p.xxx-yyy.